

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Entre sexo e gênero:

Compreensão e não explicação



Atena
Editora
Ano 2021

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Entre sexo e gênero:

Compreensão e não explicação



Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Entre sexo e gênero: compreensão e não explicação

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E61 Entre sexo e gênero: compreensão e não explicação /
Organizador Ezequiel Martins Ferreira. - Ponta Grossa -
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-542-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.423210610>

1. Sexualidade. 2. Gênero sexual. I. Ferreira, Ezequiel
Martins (Organizador). II. Título.

CDD 613.96

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A coletânea *Entre sexo e gênero: Compreensão e não explicação*, reúne nove artigos discutindo questões relativas ao modo como a sexualidade e a identidade de gênero tem sido trabalhado atualmente por diversas áreas.

No artigo *A categoria gênero e as teorias feministas pós-coloniais*, o autor discute como a categoria gênero se insere nos estudos feministas situados dentro da teorização do decolonialismo.

Nos artigos *Gênero e Sexualidade: Debates e Embates Educacionais*; *A Sexualidade Infantil e a Educação: Diálogos Ocultos*; *Consentimento Como Tema Dentro da Educação Sexual* e *Representaciones Sociales de género en estudiantes de educación superior. Estudio de caso en una universidad pública mexicana* os autores discorrem como as categorias de gênero e sexualidade são vistos e trabalhados no ambiente educacional desde os anos iniciais até o ensino superior.

Em *Procedimento de Redesignação de Sexo: Atuação da Equipe Multidisciplinar, Com Vistas a Implementar o Direito a Saúde de Pessoas Transgêneros*, os autores apontam para a importância da equipe multiprofissional durante o processo de redesignação de sexo, como aliados à uma possível redução de danos.

No artigo *Adoção Por Casais Homoafetivos em Aracaju - SE: Percepções dos Pais e Mães Adotivos a Respeito do Processo*, os autores apresentam os resultados de três entrevistas a fim de evidenciar as experiências de adoção por casais homoafetivos na cidade de Aracaju.

Em *A Mulher e a Mulher da Relação: Como discursos hegemônicos constroem expressões do ser sapatão*, a autora discute a representação de gênero em relacionamentos homoafetivos femininos.

E por fim em *A Culpa é Sempre da Mulher! A Fuga da Personagem Lydia Bennet Transposta Para uma Websérie*, a autora analisa como a fuga da personagem Lydia é adaptada para uma websérie e as repercussões dessa ação.

Uma boa leitura!


Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A CATEGORIA GÊNERO E AS TEORIAS FEMINISTAS PÓS-COLONIAIS

Altair Bonini

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4232106101>

CAPÍTULO 2..... 14

GÊNERO E SEXUALIDADE: DEBATES E EMBATES EDUCACIONAIS

Erika Suyanne Sousa Silva


Naildo Santos Silva

Evandro Nogueira de Oliveira

Marcos Antonio Araújo Bezerra

Edna Ferreira Pinto


Maria Mariana Ferreira Gonçalves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4232106102>

CAPÍTULO 3..... 29

A SEXUALIDADE INFANTIL E A EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS OCULTOS

Ezequiel Martins Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4232106103>


CAPÍTULO 4..... 37

CONSENTIMENTO COMO TEMA DENTRO DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Anna Beatriz Hermans

Beatriz Aissa

Natália da Cruz Mello

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4232106104>


CAPÍTULO 5..... 48

REPRESENTACIONES SOCIALES DE GÊNERO EN ESTUDIANTES DE EDUCACIÓN SUPERIOR. ESTUDIO DE CASO EN UNA UNIVERSIDAD PÚBLICA MEXICANA

Cirila Cervera Delgado

Mireya Martí Reyes

Enoc Obed De la Sancha Villa


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4232106105>




CAPÍTULO 6..... 61

PROCEDIMENTO DE REDESIGNAÇÃO DE SEXO: ATUAÇÃO DA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR, COM VISTAS A IMPLEMENTAR O DIREITO A SAÚDE DE PESSOAS TRANSGÊNEROS

Marlene Cristina de Sales Almeida Aguiar

Thiago Luiz Sartori

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4232106106>

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 7 | 81 |
| ADOÇÃO POR CASAIS HOMOAFETIVOS EM ARACAJU - SE: PERCEPÇÕES DOS PAIS E MÃES ADOTIVOS A RESPEITO DO PROCESSO | |
| Edson José de Oliveira | |
| Carla Rezende Gomes | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.4232106107 | |
| CAPÍTULO 8 | 93 |
| A MULHER E A MULHER DA RELAÇÃO: COMO DISCURSOS HEGEMÔNICOS CONSTROEM EXPRESSÕES DO SER SAPATÃO | |
| Camila Fernanda Vaneti | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.4232106108 | |
| CAPÍTULO 9 | 101 |
| A CULPA É SEMPRE DA MULHER! A FUGA DA PERSONAGEM LYDIA BENNET TRANSPOSTA PARA UMA WEBSÉRIE | |
| Daiane da Silva Lourenço | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.4232106109 | |
| SOBRE O ORGANIZADOR | 113 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 114 |

CAPÍTULO 8

A MULHER E A MULHER DA RELAÇÃO: COMO DISCURSOS HEGEMÔNICOS CÔNSTROEM EXPRESSÕES DO SER SAPATÃO

Data de aceite: 01/10/2021

Data da submissão: 13/09/2021

Camila Fernanda Vaneti

Universidade Federal do Paraná
Curitiba - Paraná

<http://lattes.cnpq.br/8436724735893238>

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo principal discutir a representação de gênero em relacionamentos homoafetivos femininos, desconstruindo o ideal de performance de feminilidade/masculinidade numa dicotomia heteronormativa de “homem/mulher da relação” - tendo também como base a performance sexual dessas mulheres. Seguindo o desenho de ensaio, o trabalho traz uma retomada bibliográfica a respeito da homossexualidade feminina, buscando, nas mais diversas fontes, a história acadêmica dessa identidade, e associando também, com o que concerne à políticas públicas interpretadas a partir da invisibilidade social da mulher lésbica.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade feminina; Performance de gênero; Invisibilidade lésbica.

THE WOMAN AND THE WOMAN IN THE
RELATIONSHIP: HOW HEGEMONIC
DISCOURSES BUILD EXPRESSIONS OF
BEING A DYKE

ABSTRACT: The main objective of this article is

to discuss the representation of gender in female homoaffective relationships, deconstructing the ideal of femininity/masculinity performance in a heteronormative dichotomy of “man/woman of the relationship” - also based on the sexual performance of these women. Following the design of a essay, this work brings a bibliographic retake about female homosexuality, seeking, in the most diverse sources, the academic history of this identity, and also associating, with what concerns public policies interpreted from the social invisibility of lesbian woman.

KEYWORDS: Female Homosexuality; Gender Performance; Lesbian Invisibility.

1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal a discussão da representação de gênero em relacionamentos homoafetivos femininos, a partir da desconstrução do ideal de performance de gênero feminina/masculina numa dicotomia heteronormativa de “homem/mulher da relação”, tendo também como elemento essencial a performance sexual dessas mulheres. Para tanto, o método de pesquisa segue o desenho de ensaio, trazendo uma retomada da bibliografia a respeito em contraste com a experiência de uma das autoras enquanto sujeito-objeto, sendo ela mulher e homossexual. Tomando como ponto de partida as relações lésbicas, dialogamos a respeito da invisibilidade que acomete às sapatões de

nossa sociedade e seu reflexo na ausência de pesquisas e pesquisadoras lésbicas no meio acadêmico e, no que tange à sociedade civil, a ausência de políticas públicas voltadas ao grupo.

DDESENVOLVIMENTO

Apesar de, da mesma forma que acontece com a homossexualidade masculina, relatos a respeito da homossexualidade feminina existirem desde o período da história antiga, sua notoriedade sequer se aproxima da recebida pela primeira. Muito se produz a respeito da homossexualidade no campo das Ciências Sociais no Brasil, sobretudo desde a vinda de Peter Fry ao país na década de 1970, com seu trabalho pioneiro a respeito da homossexualidade masculina em Belém/PA (Fry, 1982). Entretanto, essa vasta produção é, em realidade, quase que exclusivamente a respeito da homossexualidade masculina. Sendo assim, a pouca produção a respeito da homossexualidade feminina evidenciou a necessidade da adição do diálogo acerca da invisibilidade desses corpos, experienciada dentro e fora do ambiente acadêmico.

Júlio Simões e Sérgio Carrara analisam em artigo de 2014 o que vinha sendo produzido nos últimos 10 anos sobre gênero e sexualidade no Brasil a partir de trabalhos apresentados nos Encontros Anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS. De acordo com os autores, “é incomparavelmente maior o número de trabalhos que mencionam [...] “homossexuais” (27) e “gays” (21)” em contraste com os trabalhos que mencionam “lésbicas” (7)” (SIMÕES e CARRARA, 2014, p. 86). Os autores ainda destacam que as “menções a sujeitos designados como “homossexuais” [...] invariavelmente se refere apenas a homens” (SIMÕES e CARRARA, 2014, p. 85).

Como apontado por Luiz Mott já na introdução de seu livro ‘O Lesbainismo no Brasil’, os portugueses que aqui invadiram se depararam com índias que eram “ultramasculinizadas que em tudo copiavam a maneira de ser dos homens” (MOTT, 1987, p. 7). Mott, aparentemente, não levava em consideração a possibilidade que se tratasse em verdade de homens trans índios, mesmo que isso não mude o fato de que, até pouco tempo atrás, o autor era responsável pelo único livro nacional envolvendo a temática, movimento inverso do que ocorrera no final do século passado com a homossexualidade masculina, alvo de grande interesse por parte da Academia.

A respeito do “silêncio”, Michel Foucault, a partir de estudos da linguagem, teoriza sobre a construção do tabu da sexualidade e suas consequências de difícil remediação. De acordo com ele, a sexualidade teria sido “inventada” no século XVIII, já sido vivenciada de forma simplificada e quase natural pelas sociedades, até que fora resumida “na seriedade da função de reproduzir” e a partir disso “em torno do sexo, se cala” (FOUCAULT, 1988, p. 8). Para ele, silenciar é uma forma de sentenciar e também de punir, pois essa “repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao

silêncio, afirmação de inexistência”, o que leva ao desinteresse a partir da “constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber” (FOUCAULT, 1988, p. 9). Essa gritante invisibilidade implicou em consequências que são vivenciadas por mulheres homossexuais até os dias correntes.

Já a administração pública falha em atribuir menções à homossexualidade em geral na legislação brasileira, tampouco especificidades tangentes às mulheres lésbicas. A partir dessa perspectiva, os documentos executivos, emitidos pelo Governo Federal e governos estaduais representam um objeto de estudo mais eficaz para analisar a invisibilidade de mulheres lésbicas, uma vez que tratam de temas como homossexualidade e feminismo de forma mais aberta e necessária do que os projetos discutidos pela instância legislativa.

Seguindo esse norte, um exemplo foi o documento-base do programa Escola sem Homofobia (2004), do Governo Federal Brasileiro, o qual utilizou expressões inadequadas para referir-se aos alvos da iniciativa, como “GLBT” e “Direitos dos homossexuais” - termos utilizados com o intuito de priorizar a luta homossexual masculina em detrimento do movimento lésbico. Em um contexto estadual, o Governo do Paraná, já nessa década, lançou o Plano Estadual de Políticas Públicas para Promoção e Defesa dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) do Paraná (2013), com o objetivo de acolher em um plano regional as demandas do movimento. Todavia, mesmo explicando a dupla discriminação sofrida por lésbicas, calcada na homofobia e no machismo, o documento peca ao reforçar as sentenças supracitadas e não propor ações específicas à essas mulheres.

Em contraste com a realidade brasileira, é possível citar a Islândia, pequeno país nórdico, bem-sucedido na garantia de representatividade lésbica. Em 2009, Jóhanna Sigurðardóttir, assumidamente lésbica, foi eleita primeira-ministra islandesa e liderou o projeto de lei para legalizar no país casamentos entre pessoas do mesmo sexo. A proposta foi aprovada no Parlamento islandês por 49 votos favoráveis e nenhum contrário. Dessa forma, ao comparar as realidades distantes do Brasil e Islândia, a representatividade lésbica se mostra consoante à aceitação de uma líder de governo homossexual, sendo muito mais presente na ilha europeia do que na nação latinoamericana. Ainda, sob o prisma da igualdade de gênero, segundo o Ranking de Igualdade de Gênero (2018) emitido pelo Fórum Econômico Mundial, dentre 149 países a Islândia ocupa o primeiro lugar no mundo quando se trata da igualdade entre homens e mulheres, enquanto o Estado brasileiro amarga a 95ª posição, atrás de nações como Quênia, Venezuela e Vietnã.

Sendo poucas as produções com foco nesses corpos, nesses relacionamentos e a respeito dessas histórias, as mulheres lésbicas tiveram grande dificuldade em criar uma identidade própria, pessoal e enquanto grupo. O impacto da falta dessas produções podem ser percebidos se pensarmos que “uma linhagem de estudos que tomaram como objeto principalmente a homossexualidade masculina” foi simultâneo à própria emergência do “movimento homossexual brasileiro”, tendo posteriormente se produzido simultaneamente à eclosão da “produção de um campo de “direitos LGBT” (SIMÕES e CARRARA, 2014, p. 82),

ou seja, pensando não só as categorias de sexualidade - para além da homossexualidade masculina - como também as diferentes orientações de gênero existentes em nossa sociedade.

Ademais, mesmo sofrendo a interseccionalidade de opressões, englobando a lesbofobia machismo e homofobia e muitas vezes também o preconceito racial e social, somente a partir da década de 1980 que as mulheres lésbicas passam a se emancipar dos movimentos políticos homossexuais à época e criar uma identidade enquanto movimento político próprio (ALMEIDA e HEILBORN, 2008). E é só a partir da década seguinte, 1990, que tomam notoriedade e passam a chamar a atenção de pesquisadores das mais diversas áreas. Dessa forma, compreende-se a homossexualidade feminina, no campo identitário, como uma categoria política e historicamente constituída, tendo em vista que “a forma como cada cultura considera adequado o uso dos corpos diz respeito às ideias dominantes na sociedade” (HEILBORN, 2006, p. 46 - 47).

Não obstante, teóricos do fim do séc. XX e início do séc. XXI, tratam do sexo como elemento socialmente construído da mesma forma que gêneros e sexualidades. Para Richard Parker, em diálogo com Vance, a categoria de “construção social” da sexualidade incide que “aspectos da sexualidade — os atos sexuais, as identidades sexuais, as comunidades sexuais, o desejo e a direção do interesse erótico — podem ser construídos” (PARKER, 2000, p. 91) sendo essa construção “mediada por fatores culturais e históricos” (PARKER, 2000, p. 91) da mesma forma que ocorre com a identidade sexual. O autor também chama atenção para quem constrói e como são construídos o discurso dominante.

“Devido ao fato de que políticas estatais em relação à sexualidade se expressam, muito freqüentemente, através do discurso da saúde e da doença, o desenvolvimento de políticas de saúde tem sido dominado por médicos e cientistas de grupos étnicos e de classe socialmente poderosos.” (PARKER, 2000, p. 92).

A problemática central nessa construção mecânica da sexualidade está na possibilidade de se “chegar a sentir uma grande frustração que, com o passar do tempo, às vezes faz com que apareçam sentimentos de culpa, inibições ou desinteresse pelo sexo” (GALLOTTI, 2005, p. 20). Em se tratando de mulheres lésbicas, especificamente, a construção das práticas sexuais estão muito ligadas, ainda, à construção da sexualidade que fora definida por homens e para homens e perpetuada pelo apagamento de suas identidades. A fetichização da homossexualidade feminina, intensificada pelo machismo estrutural e cultural, leva a uma vivência das relações sexuais heteronormativa e muitas vezes estereotipada. Pensando nisso, em prólogo escrito para o livro *Kama Sutra para Lésbicas*, Mili Hernández, manifesta que:

“Não só o sexo, mas também as práticas sexuais são construídas e sustentadas através de repetição de normas. Nós, as mulheres lésbicas [...] temos precisado desconstruir primeiro e reinventar depois a nossa sexualidade” (HERNÁNDEZ, 2005, p. 11).

Em pesquisa sobre o envelhecimento de mulheres lésbicas realizada na cidade do Rio de Janeiro, Andrea Alves observa a diferença nas manifestações de performance de gênero e sexuais em contraste com a disparidade geracional entre dois grupos de mulheres: um de mulheres de 37 a 49 anos e outro de mulheres de 60 a 73 anos. De acordo com relato de uma mulher do segundo grupo, tratava-se na época de “uma distinção muito grande entre sapatão e as namoradas dos sapatões. Então, hoje você já não vê... Hoje você cruza com pessoas entendidas e você não identifica fisicamente” (ALVES, 2010, p. 223). Para a autora, tal dualismo presente na década de 1940 se expressava:

“No discurso de que as mulheres tinham que fazer uma opção, como se houvesse uma pressão social para assumir um lugar e um papel no universo da homossexualidade feminina: ser o sapatão ou a namorada do sapatão” (ALVES, 2010, p. 227).

Alves também aponta, nessa mesma pesquisa, que as mulheres do primeiro grupo, de uma geração mais jovem que as anteriores, não sentiam essa rigidez na forma de expressarem suas sexualidades, tanto no que se refere a sua performance sexual quanto a sua performance de gênero. Uma das mulheres mais velhas relatou que atualmente as lésbicas são todas “entendidas”, o que sugere a crença numa maior flexibilidade em suas performances sexuais, que muitas vezes independem da performance de gênero dessas mulheres. Entretanto, ainda hoje, através dos variados mecanismos de controle dos corpos considerados “fora do padrão” para que possam se adequar ao “normativo”, o peso da heteronormatividade recai muito em relacionamentos homoafetivos femininos, mesmo que essa influência muitas vezes pareça superficial.

Tal declaração, com uma categoria de mulheres lésbicas ditas “entendidas”, pode ser interpretada como uma mulher normalmente mais madura sexualmente e que, muitas vezes, acabam por introduzir outras mulheres que se relacionam sexualmente com mulheres nesse contexto. Em outro artigo, onde fazem uma retomada da trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira, Simões e Carrara, em diálogo com Peter Fry, assinalam a hierarquia de gênero existente em relações homoafetivas masculinas a partir da “oposição masculinidade/atividade sexual vs. feminilidade/passividade sexual” (SIMÕES e CARRARA, 2007, p. 69) onde o “ativo” embarcaria a categoria “homem” e o passivo a categoria “mulher”.

Apesar de não haver grande reflexão a respeito dessa dicotomia em relações homoafetivas femininas, - muito em razão do ideal de penetração falocêntrica para a apreensão do que seria ser o “ativo” - os relatos da pesquisa de Alves acabam por indicar uma semelhante relação hierárquica, onde as “entendidas” ocupariam a categoria de “ativas” e, conseqüentemente, “masculinas” e suas parceiras a categoria de “passivas” e conseqüentemente “femininas”. Não obstante, em diálogo com Duarte, Loyola adverte sobre o “problema da sexualidade em uma sociedade estratificada” (LOYOLA, 2000, p. 147), reafirmando o aspecto construtivo das sexualidades, que não se deslocam da realidade sociocultural a qual estão inseridas.

Desse modo, no que tange as relações sexuais entre mulheres, é perceptível que relações de hierarquia tem de fato impacto sobre sua vivência sexual e afetiva - implicando em suas identidades sociopolíticas - que não se resumem ao gênero, se transpondo em “sistemas de conhecimento da sexualidade com cosmologias religiosas e ideologias sobre raça, idade e outros marcadores sociais” (SIMÕES e CARRARA, 2007, p. 72) orientadas por um modelo de relações familiares e entre gênero chamado “mediterrâneo” (LOYOLA e FRY, 1984), característico dessas sociedades mais estratificadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vasta produção a respeito da diversidade sexual e de gênero na área da Educação nas últimas décadas marca uma abertura ao diálogo por parte da sociedade civil sobre questões antes atribuídas exclusivamente à esfera privada da sociedade. Não coincidentemente, cada vez mais produções acadêmicas têm como objeto a relação da escola com a formação dessas identidades que se configuram como resistência, uma vez que “o investimento de base da escolarização se dirigia para o que era substantivo: para a formação de homens e mulheres “de verdade”” (LOURO, 2000, p. 15).

Lembro-me¹ de quando era mais nova e chorava sozinha no quarto, tudo que eu menos queria era ser sapatão pois não queria ter de me vestir como um homem. O pensamento que tinha quando criança reflete o contexto histórico cultural e social ao qual estava inserida e também o tipo de discurso ao qual estava submetida. Atualmente tais discursos ainda compõem elemento determinante na construção social-identitária do indivíduo, entretanto, o advento de movimentos feminista; LGBT; negro e anticapitalista, vem obrigando o discurso cisheteronormativo hegemônico a ocupar uma posição de influência cada vez menor e mais branda. Desse modo, a Escola, instituição social primária, tem papel fundamental na formação da identidade sexual do indivíduo, não só em sua expressão normativa como também em sua expressão “desviante” (FURLANI, 2008, p.112).

Objetivando mais visibilidade aos corpos dissidentes, frequentemente esquecidos tanto pela academia quanto pela sociedade como um todo, produções como a tese de doutorado de Megg Rayara (2017), abrem caminho para que essas pessoas sejam enxergadas como realmente são e também possam se enxergar como realmente são, aquêm das amarras sistêmicas e imposições patriarcais, coloniais e cisheteronormativas. Desse modo, falar, produzir e, para isso, conhecer a realidade de mulheres lésbicas é fundamental para que as mesmas também passem a se reconhecer e ter sua identidade formada, resultando assim em maior qualidade de vida e plena vivência de suas realidades.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Glauca; HEILBORN, Maria Luiza. **Não Somos Mulheres Gays: Identidade lésbica na**

¹ Eu, Camila, falo em primeira pessoa por me enquadrar enquanto sujeito-objeto e acreditar que minhas experiências pessoais acrescentem também ao conteúdo do que nos propusemos a apresentar.

visão de ativistas brasileiras - Niterói: v. 9, n. 1, p. 225-249, 2. sem, 2008.

ALVES, Andrea Moraes. Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina - **Horizontes antropológicos**. Porto Alegre, vol. 16. no. 34. July/Dec, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber** - Rio de Janeiro: GRAAL, 1999.

FURLANI, Jimena. Mulheres só fazem amor com homens? A Educação Sexual e os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo - **Pro-Posições**. Campinas, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago, 2008.

FRY, Peter. **Para Inglês Ver: Identidade e política na cultura brasileira** - Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GALLOTTI, Alicia. **Kama Sutra para Lésbicas** - Planeta do Brasil, 2005.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. **Plano Estadual de Políticas Públicas para Promoção e Defesa dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) do Paraná**. 2013.

GOVERNO FEDERAL. **Brasil sem homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e de promoção da cidadania homossexual**. 2004.

HEILBORN, Maria Luiza. Entre as Tramas da Sexualidade Brasileira - **Estudos Feministas**. Florianópolis, 14(1): 336, janeiro-abril de 2006.

HERNÁNDEZ, Mili. Prólogo. In: GALLOTTI, Alicia. **Kama Sutra para Lésbicas** - Planeta do Brasil, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: **O Corpo Educado** - Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOYOLA, Maria Andréa. A Antropologia da Sexualidade no Brasil - **PHYSIS: Revista Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, 10 (1): 143 - 167, 2000.

LOYOLA, Maria Andréa; FRY Peter. **Relatório do Grupo Sexualidade e Reprodução** - São Paulo: ABEP - Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 1984.

MOTT, Luiz. **O Lesbianismo no Brasil** - Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

PARKER, Richard. Cultura, Economia Política e Construção Social da Sexualidade. In: **O Corpo Educado** - Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

RAYARA, Megg. **O Diabo em Forma de Gente: (R)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. Tese de Doutorado. Curitiba: PPGE/UFPR, 2017.

SIMÕES, Júio Assis; CARRARA, Sérgio. O campo de estudos socioantropológicos sobre diversidade sexual e de gênero no Brasil: ensaio sobre sujeitos, temas e abordagens - **Cadernos Pagu**. Campinas, v. 42, janeiro-junho de 2014, p. 75 - 98.

SIMÕES, Júio Assis; CARRARA, Sérgio. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira - **Cadernos Pagu**. Campinas, v. 28, janeiro-junho de 2007, p. 65 - 99.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptação 5, 87, 90, 101, 102, 103, 104, 105, 108, 110

Adoção homoafetiva 81

C

Consentimento 4, 5, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 84

D

Decolonial 1, 2, 8, 9, 10, 11, 12, 13

E

Educação sexual 4, 5, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 24, 25, 26, 29, 30, 33, 37, 38, 39, 40, 44, 45, 46, 47, 99

Educación superior 4, 5, 48, 51

Estereotipo de género 48

Exclusión social y educativa 48

F

Família homoafetiva 81

G

Gênero 2, 4, 5, 1, 2, 3, 4, 5, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 33, 40, 44, 45, 46, 48, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 110, 111

H

Homossexualidade feminina 93, 94, 96, 97, 99

I

Invisibilidade lésbica 93

L

literatura 14, 17, 52, 55, 82, 83, 91, 105, 111

Literatura 18, 101

M

Mudança de sexo 61, 62, 63, 67, 68, 77

Multidisciplinar 4, 5, 61, 62, 63, 69, 72, 77

P

Performance de gênero 93, 97

Personagem feminina 101

Pós-colonial 1, 2, 6, 7, 8, 9, 11

Práticas educativas 14, 22, 23, 27

Preconceito 22, 25, 34, 71, 74, 77, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 89, 90, 96, 101, 102, 103, 104, 105, 111

Professores 14, 15, 16, 18, 19, 23, 24, 25, 26, 30, 34, 38

Proteção jurídica da pessoa 61, 63

R

Representaciones sociales 4, 5, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 59, 60

S

Saúde 4, 5, 18, 19, 21, 23, 25, 26, 27, 28, 39, 46, 61, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 92, 96, 99

Sexualidade 4, 5, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 44, 45, 46, 63, 66, 79, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 106, 108, 110

T

Teorias feministas 4, 5, 1, 2, 11

Transgênitalização 61, 63, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 76

V

Violência sexual 37, 40, 82

W

Websérie 4, 6, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 110

Entre sexo e gênero:

Compreensão e não explicação



-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Entre sexo e gênero:

Compreensão e não explicação



-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br